



HENNING GUSTAV RITTER

texto: Amaury Menezes¹ fotografia: Paulo Resende²

É difícil dissociar a imagem de Henning Gustav Ritter das figuras de Nazareno Confaloni e DJ Oliveira. Esse tripé, com origem em três correntes distintas, Bauhaus, Florença e Grupo Santa Helena, encontrou, numa cidade jovem, terreno e clima receptivos para implantação de um movimento de arte contemporânea. Era de se imaginar que, num Estado com a economia baseada na agricultura e pecuária, durante séculos afastado dos movimentos culturais que ocorriam no País, as dificuldades seriam muito grandes. Mas com a existência de várias instituições criadas para reunir artistas, como Academia Goiana de Letras, Instituto Histórico e Geográfico de Goiás, Associação Brasileira de Escritores e Sociedade Pró-Arte de Goiás, já ocorriam ações que buscavam corrigir o atraso causado por esse isolamento e provocar maior intercâmbio com outros centros. Essa efervescência cultural teve seus reflexos, de início, principalmente na literatura e nas artes plásticas.

No Congresso Nacional de Intelectuais, realizado em Goiânia no ano de 1954, coube à recém-criada Escola Goiana de Belas Artes (leia-se: Luiz Curado, Confaloni e Ritter) a incumbência de organizar as atividades na área de artes visuais. Foram realizadas mostras de trabalho da arte indígena, exposição das desconhecidas obras do escultor Veiga Valle e uma exposição coletiva de artes plásticas, com participação dos mais importantes artistas em atividade na época. Foi seguramente a mais importante mostra de arte já realizada no Estado de Goiás com um total de 720 peças de escultura, pintura, gravura e desenho. Ao lado da portuguesa Maria Helena Vieira da Silva estavam nomes como Abelardo da Hora, Alfredo Volpi, Bruno Giorgi, Carlos Scliar, Clovis Graciano, Danúbio Gonçalves, Darel Valença Lins, Djanira, Georgina de Albuquerque, Gilvan Samico, Glauco Rodrigues, Glênio Bianchetti, Guido Viaro,

1. Artista plástico, autor do *Dicionário das artes plásticas em Goiás* (Goiânia: Agepel, 2002). Foi professor no curso de Arquitetura da Universidade Católica de Goiás.

2. Fotógrafo em Goiânia, já fotografou para várias publicações e instituições, entre elas a UFG e o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, entre outros.

Inimá de Paula, Ionaldo, Jordão de Oliveira, Loio Pérsio, Luiz Ventura, Mancuso, Marcelo Grassman, Mário Gruber, Mário Zanini, Mestre Vitalino, Newton Rezende, Orlando Teruz, Oswaldo Goeldi, Oswaldo Teixeira, Quirino Campofiorito, Rebolo Gonçalves, Renina Katz, Sergio Milliet, Sílvia Chalreo e Vasco Predo, entre outros. Com 23 anos de atraso, essa foi a nossa Semana de Arte Moderna e o ponto de partida para a aceitação, pelo público, das novas tendências artísticas.

Como professor na Escola Goiana de Belas Artes, Ritter incluía no currículo das suas aulas de escultura e modelagem o exercício de desenho de observação, e insistia que o escultor devia saber desenhar e, como qualquer artista, saber observar. Para ele “só quem observa é capaz de perceber e o aprimoramento da percepção é o caminho para o desenvolvimento da sensibilidade”. Em síntese: observar, perceber e sentir são atividades sensoriais indispensáveis para a criação artística, seja na literatura, na música, nas artes cênicas ou visuais. Ritter mostrou em toda sua produção artística a sua qualidade de atento observador. Lecionando carpintaria e desenho do mobiliário na então Escola Técnica Federal de Goiás, percebeu, nas lascas e sobras de madeiras, sem utilidade, encontradas na oficina, fonte para suas principais experiências com a abstração. As madeiras amontoadas de forma desorganizada na horizontal eram cuidadosamente trabalhadas, polidas e agrupadas verticalmente sobre uma base negro fosco, formando um conjunto esteticamente agradável a que ele, com muita propriedade, dava o título de *Lascas*.

Ao contrário da opinião do crítico Hugo Auler, não creio que ele tivesse a pretensão de apresentar alguma forma de denúncia contra o desperdício ou a exploração indiscriminada de espécies raras (principalmente do pau-brasil), pois se assim fosse seria mais apropriado juntar

essas sucatas na sua forma original e expô-las para apreciação pública. Teria sido uma instalação precursora da arte conceitual, antecipando a experiência de Frans Krajcberg, que, retirando diretamente da natureza raízes retorcidas e restos de troncos queimados, criou uma obra panfletária contra o desmatamento, tendo como cenário principal sua própria residência em Nova Viçosa, na Bahia. A elaboração cuidadosa das lascas também afasta do escultor Ritter a possibilidade de ser um seguidor das ideias de Marcel Duchamp com sua teoria do *ready-made*.

Conhecido como hábil escultor, Ritter era também reconhecido como exímio desenhista e excelente aquarelista. Além das lascas, que nem os mais assíduos frequentadores da marcenaria da Escola Técnica foram capazes de perceber e enquanto alguns dos nossos artistas pintavam naturezas mortas com faisões, salmões e paisagens imaginárias com picos nevados, foi o acurado sentido de observação desse alemão que o levou a perceber paisagens que passavam despercebidas aos olhos dos goianos, que não sentiam a riqueza temática do nosso Cerrado e dos nossos rios.

Na série de aquarelas sobre o Rio Araguaia e o Cerrado da região de Alto Paraíso, podemos observar que, além do total comando da difícil técnica da aquarela, ele demonstrava absoluto domínio do desenho do escultor. Não me refiro ao grafismo, mas ao movimento das linhas no tema abordado, sugerindo volumes sobre a bidimensionalidade de uma folha de papel: só o que possibilita isso é o treinamento de quem domina a forma tridimensional.

Ao contrário da maioria dos artistas que se angustiam no momento da criação, o ato de criar, para o professor Ritter, era puro deleite e um instante de fantasia. Ao observar qualquer das suas obras é esta a sensação que ressurgem. ➤



Sem título
Bronze, 20x25x20 cm
Coleção Ingrid Ritter, Goiânia



Sem título, 1947
Carvão sobre papel, 66x40 cm
Coleção Ingrid Ritter, Goiânia



Sem título, 1947
Bronze, 19x25x15 cm, 20x23x10 cm
Coleção Ingrid Ritter, Goiânia



Sem título, 1972
Aquarela, 66x40 cm
Coleção Ingrid Ritter, Goiânia



Sem título, 1972
Aquarela, 66x40 cm
Coleção Ingrid Ritter, Goiânia



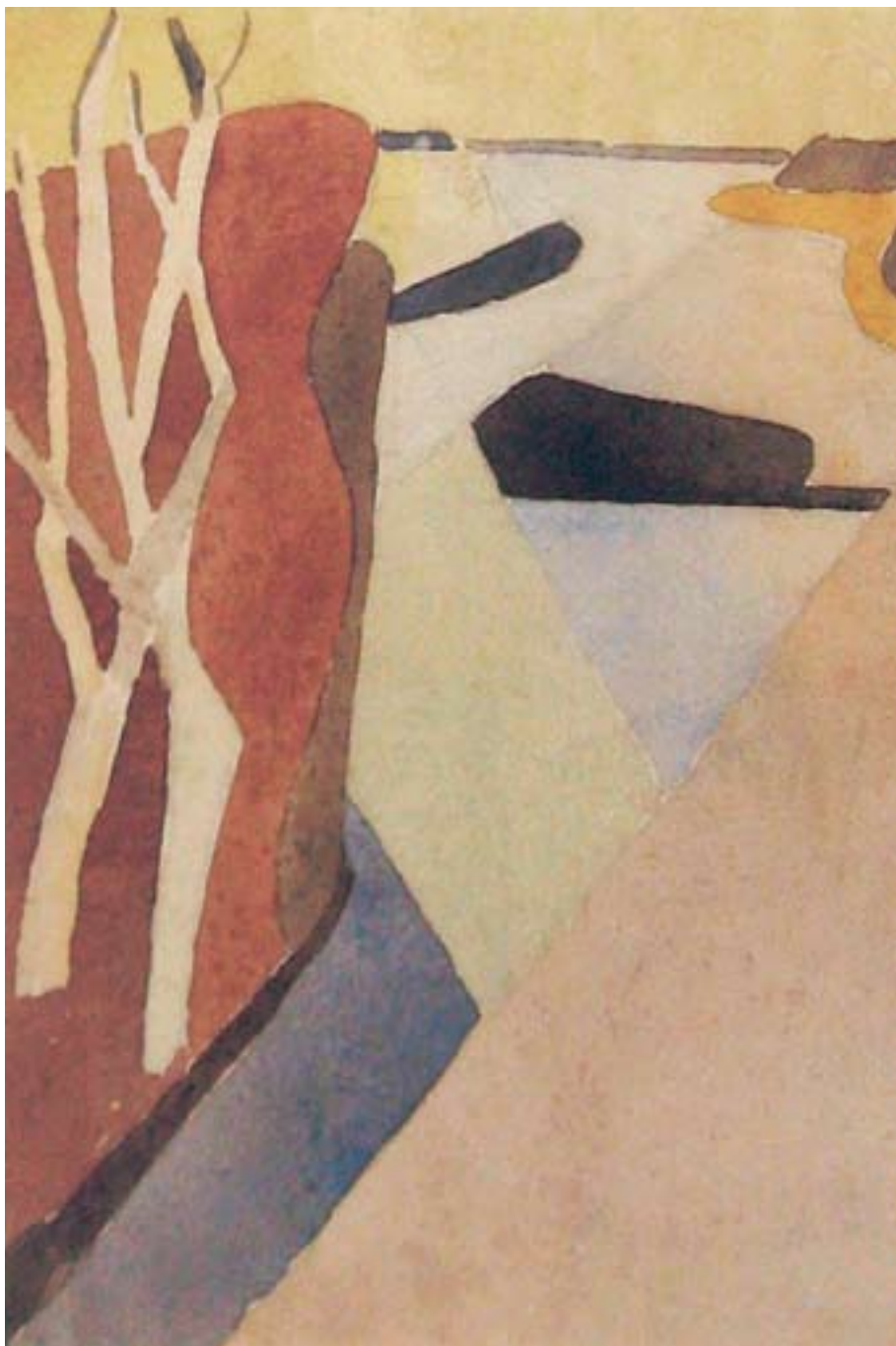
Sem título, 1972
Aquarela, 66x40 cm
Coleção Ingrid Ritter, Goiânia



Sem título, 1978
Aquarela, 66x40 cm
Coleção Ingrid Ritter, Goiânia



Sem título
Aquarela, 29x21 cm
Coleção Thomas Ritter, Brasília



Sem título
Aquarela, 29x21 cm
Coleção Thomas Ritter, Brasília



Sem título
Aquarela, 29x21 cm
Coleção Thomas Ritter, Brasília



Tamboril e tamborila
Madeira, 70x28x27 cm
Museu de Arte Contemporânea, Goiânia




Sem título
Metal, 1,80x70x50 cm
Coleção Gudrun Rademacher, Goiânia



Movimento I e II, 1973
Alumínio e pau-brasil, 215x28x28 cm
Coleção Gaspar Ritter, Goiânia





Casca finas enfileiradas, 1971
Pau-brasil, 215x277x50 cm
Coleção Gaspar Ritter, Goiânia



Tronco com sarrafos
Madeira, 1,80x50x50 cm
Museu de Arte Contemporânea, Goiânia